569

PRINCIPIOS
DA
ARTE DA GRAVURA.

PRINCIPIOS

DA

ARTE DA GRAVURA,

TRASLADADOS

DO

GRANDE LIVRO DOS PINTORES

DE GERARDO LAIRESSE

LIVRO DECIMOTERCEIRO

PARA SERVIREM DE APPENDICE AOS PRINCIPIOS DO DESENHO DO MESMO AUTHOR, EM BENEFICIO DOS GRAVADORES DO ARCO DO CEGO.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTICA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCCI.

Por Ordem Superior.

ARTE
DOS
GRAVADORES.

CAPITULO I.

Quadro allegorico da Gravura para servir de introducção a este livro.

Como, nem Cesar Ripa, nem outro algum Author nos traçou huma imagem allegorica da arte de gravar, com a significaçaõ, que se lhe precisa accommodar, começarei este livro, dando della huma idéa; e ao depois farei ver o respeito, que ella merece pelo soccorro, que subministra aos artistas, e péla sua alliaçaõ intima com a pintura.

Ve-se sentada huma donzella diante de huma meza, sobre a qual está huma chapa de cobre em huma almofada. Ao seu lado tem hum pequeno macaco, apresentando-lhe huma vella, que lhe dá huma luz mui clara. A Prudencia, e a Vigilancia a acompanhaõ, em quanto a Prática lhe prepara n'huma pedra os instrumentos. O seu assento he de páo ebano ornado de figuras de marfim, da Sinceridade, e da Constancia, que se abraçaõ, por detraz

do assento da Gravura, o Juizo que lhe aponta, alguma cousa distante, a Pintura, acompanhada de Apollo com hum farol para illuminar a Gravura, e de Diana, que tem outro, mas as vessas, como que o apaga. No entre tanto os Genios se occupaõ por todos os lados em preparar os diversos materiaes. O mais idoso destes Genios apresenta á Gravura hum desenho denegrido, ou avermelhado por detraz, e huma ponta para os calcar sobre a chapa de cobre. Este desenho representa a obra, que ella quer executar. Outros Genios se occupaõ em aquecer huma chapa de cobre em hum fogareiro, e a estender-lhe o verniz com a ponceta. Entre estes ha hum, que grava com o buril; alli outro, que espreita huma chapa, em que se tem lançado agua forte: em alguma distancia se vem outros, que tiraõ provas, e as estaõ examinando attenciosamente etc. Neste comenos a Fama, que tem na maõ a prova d'hum retrato, annuncia pela sua trombeta a gloria dos grandes artistas. A Honra, coroada de louro, e, trazendo huma pequena pyramide, entra na salla, conduzindo com sigo a Annona ou a Prosperidade, que traz hum corno da abundancia. Em torno da sala estaõ arranjados os bustos de muitos gravadores celebres assim Italianos como Francezes, Hollandezes, e Allemães, como foraõ, Marcos Antonio, Audren, Edelinck, Van der Meulen etc. Ao longe se vê Asia, Africa, e Europa, que parecem estar pasmadas das maravilhas, que mostra annunciar a Fama.

CA-

CAPITULO II.

Da Arte da Gravura em geral.

Para se poder tratar da arte de gravura de huma maneira methodica julgo ser necessario começar em 1.° lugar pela observaçaõ das cousas, em que consiste a sua excellencia, 2.° qual seja o proveito, que della resulta 3.° que qualidades precisaõ ter o gravador de agua forte, e o do buril.

Naõ se pode duvidar que a gravura seja huma arte nobre, e digna de todos os louvores; porque entre ella, e a pintura se descobre a mesma relaçaõ, que esta tem com a Natureza. A pintura principalmente consiste em huma imitaçaõ exacta assim do contorno, como dos claros e escuros dos objectos, que a Natureza apresenta, e isto mesmo he, o que faz o maior merecimento da gravura. O pintor faz huma differença entre a luz do dia, e a do Sol, e isto mesmo faz o gravador. Em huma palavra nada ha, do que se executa com o pincel, que se naõ possa imitar com o buril.

Quanto a vantagem, que produz a gravura, se póde dizer que ella he para os olhos, o que a fama para os ouvidos; pois se esta apregoa a gloria dos grandes Heroes, a gravura tambem nos faz conhecer as suas obras, e os seus pensamentos. Ora, como a reputaçaõ d'hum bom pintor depende em parte da sabedoria, ou da inepcia do gravador, o que protesto mostrallo nas minhas reflexões a cerca

da gravura junto aos quadros e desenhos, he necessario que elle naõ adopte exclusivamente huma só maneira, mas que imite exactamente a do pintor; ou a do desenhador, de quem quer fazer conhecer a obra, para que a sua gravura se assemelhe á hum vidro puro, que entrega com fidelidade os objectos, que se lhe apresentaõ.

Em quanto ao que respeita a practica, se póde dizer que huma bella maneira he hum grande meio, para se chegar a perfeiçaõ, e para o conseguir se precisa muito possuir tres cousas, a saber, 1. desenho, 2. perspectiva; 3. claro escuro, que formaõ juntamente a theoria da gravura. Tambem he indispensavel que o gravador se exercite em fazer traços com a penna, ou lapis vermelho, para dar a sua maõ segurança e destreza. O desenhar muito pelo natural a nú lhe he taõ essencial, como he ao pintor mesmo; e do mesmo modo as roupagens pelo manequin. Naõ fallo da necessidade, que tem, de consultar, e estudar indefessamente a gravura d'agua forte, e de buril pelos melhores mestres.

CA-

CAPITULO III.

Do ajuntamento necessario para se fazer huma boa gravura, e da differença que se dá entre as gravuras de talho doce, e as estampas dos frontespicios dos livros.

TODA a belleza d'huma boa chapa bem gravada consiste 1.° nas luzes claras; e nas sombras profundas, quero dizer, que os talhos fracos das partes claras devem ser quasi imperceptiveis; e que os talhos das sombras devem, pelo contrario, ser fortes e negros. 2.° que o nú ou encarnaçaõ se haja de fazer d'hum modo ligeiro e delicado, e ao mesmo tempo hum pouco indeciso, no emtanto que as roupagens devem ser feitas d'huma maneira menos acabada, e mais grosseira, conforme a naturéza dos tecidos ou pannos, mas sem traço exterior, assim da parte da luz, como do lado da sombra; de modo que o contorno somente seja indicado pela tinta do fundo, sobre a qual as roupagens se achaõ postas. Mas, para que a obra tenha a maior perfeiçaõ possivel, e para que mostre o juizo do artista, precisa que se distinguaõ, o mais que se poder, as tintas das cores locaes. Todavia, como huma bella gravura consista naõ só n'huma boa composiçaõ, nas figuras bem desenhadas, nos accessorios elegantes e agradaveis, n'hum talho puro, e limpo, mas principalmente n'hum bom ajuntamento ou harmo-

nia

nia geral de todas estas partes, he necessario estudar bem esta parte.

O gravador merecera bem novos elogios, se algumas vezes mostrar nas suas obras as cores, se o assumpto o pedir, como o branco, e o negro, para o dia, e para a noute, para os bons, e para os maos Anjos etc. Estas duas cousas devem, ao meu parecer, ser absolutamente observadas nas estampas dos livros: em quanto as outras qualidades, de que acima falei, sómente saõ necessarias nas gravuras de talho doce, destinadas para representar hum perfeito quadro, ou painel; pois se dá huma differença muito grande entre as gravuras em talho doce, e as estampas de livros: por quanto estas sómente servem, para dar huma simples idéa de cousa representada, se ella o houver de ser em marmore, ou mesmo, fallando assim, em areia, ao passo que as outras se destinaõ a fazer conhecer o genio e o talento do pintor, e da mesma sorte a sciencia do gravador. Por este motivo se precisa pôr em baixo das estampas dos livros huma explicaçaõ, da qual naõ necessitaõ as gravuras em talho doce; pois o colorido he para huns, o que a escriptura he para outros.

CA-

CAPITULO IV.

Das differenças, que se daõ entre a gravura de agua forte, e a que se faz a buril.

COm razaõ se olha geralmente para a gravura com agua forte, como para a que he mais propria, e capaz de dar á qualquer obra maior alma, e hum character de desenho que a gravura com o buril; por quanto naõ se dá differença alguma entre o trabalhar hum desenho, e trabalhallo com agua forte, relativamente a execuçaõ, no em tanto que se dá huma muito grande entre o desenho, e a gravura com o buril. O manejo da ponta, ou choupa he o mesmo que o do lapis preto, ou vermelho, e da pena, em que a chapa se arranja horizontal e solidamente, do mesmo modo que o papel sobre que se desenha; mas, gravando-se com o buril, tudo se faz pelo contrario; porque o buril se põem em huma situaçaõ, pelo dizer assim, parallela com a chapa, que he movivel sobre huma almofada. Quanto a força he infinitamente menos necessaria á agua forte que ao buril.

Todavia, para mostrar que a gravura com agua forte deve ter muito mais character de desenho, e parecer muito mais artificiosamente executado que a gravura com o buril, como de facto acontece, quero fazer algumas reflexões sobre estes dous modos de gravar. Eu supponho que cada hum destes gravadores tem diante de si o modello, que deve imitar, ve-

raõ

raõ que hum põem fixos diante de si, assim o seu desenho, como a sua chapa e que unicamente move a sua maõ, no emtanto que o outro nada póde fazer sem voltar continuamente a sua chapa para todos os lados, e que naõ só a sua maõ, mas o seu braço mesmo se occupaõ em dirigir o seu buril, o que embaraça ao artista para ver, muitas vezes, e perceber a differença, que se dá entre a sua obra e o seu modelo, antes de ter acabado huma grande parte, e talvez toda. Por este motivo se deve preferir, na minha opiniaõ, a gravura d'agua forte á do buril, naõ só pela exactidaõ do trabalho, mas tambem pela presteza. Disse presteza; porque, se póde muito bem acabar tres chapas com agua forte, e ainda mais, em quanto se abre huma com o buril. A gravura com agua forte ainda tem mais outra vantagem, e vem a ser, ter o character do desenho, pela sua analogia com a arte de desenhar, o que nos ensina assaz huma experiencia diaria; porque se daõ cem gravadores d'agua forte contra hum de buril.

Talvez me argumentem, dizendo: que como pintores e gravadores podem escolher a parte, que mais lhe agradar, para se entregarem a ella, quero dizer, que hum toma a da composiçaõ, outro prefere a da correcçaõ, e a belleza do desenho; e outro, finalmente, se applica a fazer primorosamente as roupagens, ou os accessorios etc., que, por consequencia, naõ se póde dizer que os pintores, e os desenhadores hajaõ de dar ás suas obras hum character de desenho com a agua forte. Respondo á isto: que esta palavra naõ deve ser applicada aos desenhadores moderuos, por ser hum antigo modo de se exprimir, que andava em uso

uso antes que a gravura com agua forte tivesse chegado ao ponto de perfeiçaõ, em que hoje se admira, como se póde provar pelas gravuras d'agua forte feitas por Carache, Ticiano, Antonio, Tempeste e de outros, que eraõ excellentes desenhadores, e que unicamente manejaraõ a ponta, para gravarem aquelles desenhos, que elles respeitavaõ, como os melhores, e mais dignos de serem conservados. Por tanto estas gravuras, permittaõ-me podello dizer, unicamente consistiaõ no seu traço exterior, mas este contorno hé taõ correcto, e taõ firme, que ainda que o de mais seja huma garatugem, estes esboços passaraõ a ser mais estimados que as obras mais completas, e mais bem acabadas dos mais affamados gravadores. Assigno hum exemplo na gravura da mulher junto ao poço feita por Carache, e ainda a pesar da differença que ella offerece com as que executaraõ Le Pautre, e Bisschop. Que disparidade se naõ vê entre as obras de Perrier, e as de Bisschop relativamente ao character de desenho, e a maneira facil de trabalhar? Disparidade que, do mesmo modo, se torna a ver na paisagem entre as de Ticiano e as de Perelle. Além destes, poderia citar muitos exemplos, para comprovar a minha opiniaõ, mas eu os passarei em silencio, para advertir a causa, porque os novos artistas, tendo-se-lhes traçado bem o contorno dos objectos, os hajaõ de exceder nas suas sombras ou talhos.

Quando se quer gravar alguma cousa com o buril, ou agua forte, se precisa começar pelo fundo, seja elle qual for, e conservar as cousas mais essenciaes para o fim da obra; porque, achando-se a maõ entaõ mais

firme, e muito mais habituada, executa com maior destreza, e segurança. Quando pois hum candidato quer executar o fundo d'huma figura, ou nùa, ou enroupada acontece muitas vezes que lança os talhos, e os seus entalhes por cima do contorno, ou traço exterior, de modo que estas partes vem indefectivelmente a perder a sua justa proporçaõ, e a sua qualidade; e por este motivo tambem acontece que os musculos, por assim dizer, se fazem imperceptiveis e as pequenas dobras, e as concavidades ficaõ chatas, e, por consequencia, duras ou asperas. Com tudo se continua a obra; e ainda, quando se percebe hum tal erro, unicamente raspaõ hum pouco a estampa, e a pulem, unico meio, que na verdade tem, e que nem sempre se emprega. Isto naõ he por falar, que eu o digo, mas sim pelo ter examinado mui seriamente. Por este motivo aconselho a todos, que se destinao a gravura, que a hajaõ de começar, tomando com hum bom pintor hum conhecimento exacto das bellas proporções do corpo humano, para que saibaõ com huma maõ segura, sem terem necessidade de arranhar, ou de calcar todas as sortes de objectos ainda a vista do natural. Pois todos sabem que o primeiro estudo do pintor he o de saber a theoria da sua arte, que consiste no conhecimento das proporções exactas dos objectos, para que ao depois possa passar ao colorido, e ao claro escuro; ao passo que, como muitas vezes acontece, o novo gravador primeiramente se instrue em a parte mechanica, ou practica da arte.

Quanto ao modo de raspar, e de pulir, a cujo respeito falei acima, convem muito entendello bem, naõ só por causa dos talhos,

lhos, que pódem ser muito fortes, ou muito escuros, mas tambem porque com isto se póde diminuir a belleza do contorno, ou traço exterior, e do mesmo modo a semelhança dos retratos, e especialmente dos de meio perfil.

Por tanto, deve, torno a dizer, principiar sempre, assim em pintura, como em gravura, pelo fundo; porque, estando as figuras, que saõ os principaes objectos, acabadas, se póde respeitar a obra como completa, e, geralmente, só se deve retocar, para lhe dar harmonia, dando-lhe alguma força mais n'hum lugar, e esbatendo, ou adoçando n'outro etc. mas o raspamento, de que aqui se tracta, só se faz na gravura com o buril; porque na de agua forte naõ se faz mais que cobrir, se a agua forte naõ a tiver comido.

E no caso, em que se me pergunte, se se póde reparar, o que já foi coberto, antes que a agua forte a tenha comido; e se o traço, que foi alterado, naõ póde ser restabelecido com huma ponta fina sobre o mesmo fundo, para que a agua possa comer por toda a parte e ao mesmo tempo? Responderei, que isto faria hum máo effeito, mas, faltando alguma cousa, precisa retocar-se com o buril. Comtudo apontarei outro methodo. Fazei aquentar até hum certo pônto o vosso burnidor e passai-o levemente, e com vivacidade sobre a parte que quizerdes apagar, e vereis que todos os vossos talhos se fecharaõ, sem vos ser necessario cobrir, ou fazer comer. Traçai de novo, o que deve ter, para se fazer comer ao depois por toda a parte igualmente.

Estas reflexões me parecem taõ importantes, quanto mestres mui grandes peccaraõ por naõ applicarem toda a attençaõ, que ellas

 me-

merecem, como se vê n'algumas batalhas d' Alexandre por LeBrun, gravadas por Audran. Que más mãos este gravador naõ fez em alguns lugares? os seus dedos parecem fusos, e com particularidade os das mãos, que estaõ abertas, como as de Poro prisioneiro, e as de Dario. Naõ posso deixar de admirar, que Audran, hum dos melhores gravadores conhecidos, naõ tenha corregido humas faltas taõ grandes em huma obra taõ magnifica. Concordo que seja cousa muito pequena em hum taõ grande trabalho; mas, todavia, isto faz com que elle naõ seja perfeito, e que se deixe de attribuir em parte á LeBrun. Finalmente esta obra ainda foi muito mais maltratada em Hollanda por Scoonebeck, que a copiou de Audran, e que parece ter tomado por empreitada, o desfiguralla inteiramente, porque naõ tem, nem desenho, nem harmonia. Todas as Physionomias, que no Original saõ bellas, e nobres, saõ carrancas na copia de Schoonebeck, onde tudo, em huma palavra, he fraco, e estropeado.

CAPITULO V.

Reflexões sobre o modo de fazer talhos.

A Forma dos talhos augmenta huma grande belleza aos objectos, pois que por este meio se lhes dá hum maior ar de verdade, conforme a sua natureza, e qualidade, mas isto se executa mais facilmente pela gravura, com agua forte, sobre tudo, sabendo-se manejar bem a ponta. Nisto Audran se distinguio muito, e a estampa de S. Bruno, que Natalis gravou pelo quadro de Bertholet, he maravilhosa pela legitima maneira, com que fez tudo por meio de talhos, e pelo singular acabado, com que este gravador a executou.

Sem embargo de todo o talento, que hum grande artista póde empregar, para acabar huma boa gravura, he impossivel, seja-me licito proferillo, fazer comprehender ao commum dos amadores, o em que consista a arte, e o que he preciso, para lhe conhecer bem as bellezas; a maior parte hoje se occupa em admirar a destreza, ou delicadeza do buril: sem se interessar na correcçaõ do desenho, e na falta da harmonia: triste reflexaõ, para os que possuem melhor a sua arte.

De outra sorte, os gravadores de buril, e de agua forte naõ tem a mesma vantagem, que o pintor e desenhador; porque estes fazem o que querem, ou, ao menos, o que pódem; mas isto nada seria, se o gravador podesse obrar com a mesma liberdade, com que o pin-

tor

tor maneja seus pinceis, ou os seus lapis, elles se acoroçoariaõ mais a produzirem bellas cousas, do modo que antigamente fizeraõ os grandes mestres, que naõ eraõ obrigados a seguirem os caprichos dos pintores, como muitos agora se vem na dura necessidade de o fazer. Felices por tanto saõ todos aquelles, aos quaes a fortuna permitte seguir as suas proprias idéas, ainda que sómente podessem fazer huma só chapa a sua vontade. Mas (ai!) naõ acontece assim, pois se vem habeis gravadores gemer debaixo do trabalho ingrato, e fastidioso, que lhes impõem os pintores, que lhes daõ desenhos muito mal executados, que he quasi impossivel distinguir-lhe os traços. Tadavia, tendo o gravador a felicidade de executar bem as idéas do pintor, este se attribue á si toda a honra, ao mesmo passo, que elle imputa ao gravador toda a coima d'huma má execuçaõ: cumpre por isso que o gravador peça conselhos, e illustrações ao pintor sobre a maneira de apanhar as suas intenções, para continuar o seu trabalho com certeza.

Cumpre tambem que o pintor, ou o desenhador indique a natureza dos differentes objectos, como, por exemplo, as pedras brutas das partes baixas d'hum edificio, o marmore liso e polido das columnas, e das estatuas etc., para que o gravador possa fazer estas pedras com os traços interrompidos, e encontrados e o marmore por talhos doces, e limpamente executados pelo buril, e os accessorios hum pouco mais rudemente pelas pontas; as obras de madeira com os traços compridos, interrompidos, segundo as veias do páo, as arvores, segundo a forma dos ramos, e das folhas; os terrenos, por linhas serpejantes, e mesmo inter-

terrompidas. Devem-se observar estas regras, assim no geral d'huma composiçaõ, como em qualquer parte sua particular; e assim, segundo as leis da perspectiva, no que se segue, e nos longes, naõ apartando mais os talhos dos entalhes; mas, pelo contrario, estreitando-os, e fazendo-os mais subtis, ou finos em os planos distantes ou apartados, e, por este meio, se poderiaõ fazer bellas obras, sem lhes custar mais tempo, ou trabalho, como commummente se imagina.

Vi hum desenho de Goltzius, no qual tinha exprimido de huma maneira maravilhosa a natureza, e a qualidade de cada cousa. Os corpos tenros, e lisos eraõ bem lavados, e empoados com muito asseio de pedra negra, ou lapis vermelho; o que era bruto, e grosseiro, estava executado, por hum modo sabio, com terra negra, ou lapis, de sorte que huma parte parecia mais clara, e a outra mais escura pela sombra, como se fosse huma pintura. Naõ se deve porém admirar, que senaõ vejaõ mais producçóes semelhantes em nossos dias; porque Goltzius tinha por costume fazer elle mesmos os seus modellos. E do mesmo modo que hum pintor pensa, no que deve ser de carne, de pedra, ou madeira; assim tambem pensa, no que requer hum tom claro, ou sombrio, antes que comece a por as suas cores sobre o panno. Goltzius cuidava tambem antecedentemente em tudo, antes que começasse a gravar qualquer cousa.

CAPITULO VI.

Reflexões sobre o modo de pontinhar de alguns gravadores.

MUitos imaginaõ ser possivel fazer as voltas dos corpos, que se fundaõ nos grandes claros, pontinhando-os, mas enganaõ-se muito; porque isto produz huma grande seccura, e por consequencia este methodo naõ póde ser bom. Os talhos fazem hum melhor effeito, e tem a maior affinidade com as sombras. Algumas vezes he bom fazer pontos, quando a necessidade o requer, e quando se naõ quer encrusar os talhos sobre certas partes, ou quando os talhos das sombras saõ mui raros, para mostrar hum pouco mais distinctamente os reflexos em lugar de os crusar de novo, particularmente entre os claros, aindaque seja melhor repassar por cima hum só talho com huma ponta fina. E quando se vê que isto naõ basta, se podem continuar os traços hum pouco mais longe, em os reflexos, com pontas ainda mais finas. Mas o melhor methodo he continuallos, do primeiro golpe, taõ longe, quanto devem ir, e de os adoçar, ou esbater nas extremidades. O que despresar isto, será obrigado a recorrer aos pontos, mas, neste caso, naõ precisa conchegallos muito. Com tudo, o meio mais conveniente he o continuar os talhos hum pouco mais adiante com huma ponta fina, e tornalos a repetir com huma ponta mais delicada até ao lugar, em que os talhos

se

se perdem em hum ponto indivisivel, que vem a ser, o que se chama entalhes interrompidos, meio de que se servia o velho Vosscher, para fazer muito bem o colorido das physionomias, e para lhe dar toques de luz mais fortes. A pontilhagem he de hum grande soccorro, para os que naõ tem adquirido ainda huma certa firmeza de maõ, e lhes permitte trabalhar com presteza. Querendo-se valer deste methodo, naõ tem necessidade de cobrir para adoçar os talhos; pois que pelo prolongamento dos pontos se consegue o mesmo effeito. Por este meio se póde trabalhar com segurança, sobre tudo, quando se naõ quer servir da mesma ponta, com que se prolongaraõ os talhos nos claros, e sobre os tornantes e relevos; e as sombras devem igualmente serem adoçadas com a mesma ponta, com que se fizeraõ. Com o soccorro deste processo os pontos, feitos com a ponta grossa nas sombras, naõ seraõ muito fortes. Mas, querendo-se fazer os ultimos pontos sobre os claros, ou luz com huma ponta alguma cousa mais fina, naõ haverá difficuldade alguma; com tudo, como as sombras acabaõ mais grosseiramente que o relevo sobre os claros, quereria que se servissem de outra ponta; porque os pontos requerem muita attençaõ, quando se quer com limpeza executar a obra. Além do que: os pontos devem ser iguaes entre si, digo, de huma distancia igual hum do outro, e precisa que se naõ achem entre as extremidades dos talhos. No caso de se perguntar, se por ventura se pode escurecer com pontos huma parte, da qual os talhos se achaõ muito affastados, em lugar de passar por cima hum terceiro talho? Responderei, que julgo ser pos-

sivel, e que por esta maneira se poderia executar huma cousa ligeira, mas que a sua operaçaõ seria hum pouco mais comprida. As cousas terminadas por este methodo parecem ser feitas a aguarella; porque por meio dos talhos, fortes, mais fracos, mais adoçados ainda e pontos se póde escurecer qualquer parte tanto quanto se quizer, e julgar conveniente. Boulanger, ao que me parece, empregou os pontos nas suas gravuras de sorte que ellas tem mais ar de miniatura que de outra cousa, o que me faz naõ approvar muito este methodo. Deve-se imputar a razaõ disto á desigualdade, e magreza dos pontos, causada por se tocarem huns d'huma maneira mais forte que os outros, quando se faz comer a chapa, por mais que estes pontos sejaõ pequenos. Tambem he impossivel julgar que elles se possaõ fazer taõ redondos, como deveriaõ ser, pois que elles sempre tem huma figura mais, ou menos oblonga, como será facil de se convencer, vendo-os por huma lente, ou microscopio.

Tenho visto estampas, gravadas por Goltzius, cujas tintas fracas dos relevos eraõ tambem feitas com talhos encrusados, como as das sombras; mas isto só se póde fazer na gravura com o buril, sobre tudo, acabada a execuçaõ, pela razaõ, de que, na gravura com agua forte os talhos crusados exprimem huma sombra proxima, o que se pode fazer muito bem com pontos, e tanto melhor, quanto os objectos, feridos d'huma grande luz, naõ tem necessidade nos claros de tantas sombras.

Entretanto, fazendo-se qualquer cousa mal, e querendo-a corregir, rebatendo a chapa, se colla huma prova por detraz da chapa, e setirará, rebatendo a parte, que se qui-

zer

zer corregir; o que se póde fazer com toda a exactidaõ possivel. E no caso, em que se naõ embaraça de rebater sobre o papel, se poderá marcar o lugar com huma ponta sobre o cobre, de maneira que a possaõ ver facilmente, o que he hum bom methodo, ainda que de outra sorte se naõ perca muito, quando se servem para isto d'huma prova. Mas, estando esta prova secca, naõ servirá mais para isto: he por isso necessario que esta operaçaõ se faça apenas a prova sahir do torculo; porque, querendo-se molhar de novo por este motivo, se naõ está seguro de obrar bem, por quanto a prova já naõ he igual ao tamanho da chapa. Para descobrir, e corrigir mais facilmente, ainda rebatendo os lugares, ou faltas, que naõ foraõ bem comidos pela agua forte, (methodo de que muitos gravadores se fazem hum segredo) toma-se huma guita, ou corda de rabeca mui fina, e se ponha em cruz sobre a chapa, atando-a nas bordas, de modo que o ponto do contacto da cruz caia exactamente, no lugar, que está mordido, ou comido. Ao depois se ponha o cobre preparado deste modo debaixo para cima sobre huma pedra dura, e igual, ou lisa, e se rebata docemente por cima com hum martello pontudo, para lhe tirar ao depois a falta, esfregando, ou roçando o lugar com a pedra de amollar. Por este modo se póde achar no inverso, ou reverso do cobre todos os lugares falhos, por menores que sejaõ.

CAPITULO VII.

Do methodo de gravar com agua forte os baixos relevos.

VISTO termos assentado, como hum principio certo, que qualquer cousa, pelo dizer assim, requer hum methodo particular de o fazer, ou obrar, julgo que isto mesmo se passa a cerca do baixo relevo; porque a maior parte dos que sabem gravar com agua forte hum bello quadro, ou hum bello desenho, se achaõ embaraçados, quando se vem obrigados a imitar, e a representar hum baixo relevo. Elles o dispõem em talhos ou traços do mesmo modo que em quaesquer outros objectos: todavia parece-me que deve haver huma grande differença entre huns e outros, sobre tudo, naõ se querendo fazer, como Perrier, e Santo Bartholi o faziaõ, mas sim conforme ás regras da arte. Com tudo, precisa-se convir que o primeiro destes gravadores entendeo, melhor que o outro, esta parte, pois que as suas obras tem o character de pedra, e que he melhor o seu desenho, ainda que elle arriscou ao acaso muitas cousas pela sua imaginaçaõ, a qual o o outro se entregou com tanto excesso, que veio a fazer que os seus objectos ficassem desconhecidos: os traçados ou apanhados da sua roupagem na verdade saõ bellos, mas nimiamente multiplicados; e, além disto, naõ saõ convenientes aos marmores; pois saõ mais semelhan-

lhantes ao ouro, ou prata, ou bronze e daõ mais o ar e feitio de huma gravura que de huma pedra. Segundo a minha opiniaõ, Santo Bartholi nada sabia do nú, nem as proporções, nem a situaçaõ dos musculos, nem os movimentos do corpo humano, de sorte que me parece que naõ o devem preferir a Perrier. Na verdade ambos saõ bons, pelo que pertence ao desenho, mas, comparando-se as suas obras com as da natureza, se encontra huma grande differença. A fora isto, seria absurdo crer que o grande numero de baixos relevos, que se vem em Roma em toda a sorte de monumentos, dos quaes estes dous artistas fizeraõ a collecçaõ, se achem todos postos em huma luz taõ exacta da direita, ou da esquerda, como elles representaraõ. Certamente precisa que hajaõ algumas illuminadas d'alto abaixo, outras por baixo, e mesmo por todos os lados. Tambem naõ posso capacitar-me que elles os illuminassem em presença d'alguma vella, mas julgo que o fizeraõ, como julgaraõ, que era melhor.

Naõ faltou em certa occasiaõ, quem me dicesse, que como os baixos relevos se achaõ postos por differentes lugares, se naõ era possivel, fazendo-se os modellos, pelos quaes se sombrearaõ os desenhos, de os dispor da maneira, que se julgou, mais conveniente, para receberem a luz do lado direito, ou esquerdo, do modo com que ordinariamente se servem? Persuado-me que esta conjectura he muito bem fundada. Igualmente se lhe póde fazer descer a luz de alto abaixo, ou por baixo, ou de hum ou outro lado, ou por detraz, para se servir della em todas as concurrencias, o que serve muito aos que naõ estaõ Senhores da arte de modellar.

Disse

Disse que os baixos relevos de Perrier me pareciaõ melhores que os de Santo Bartholi; mas que a sua execuçaõ, com pouca differença, me naõ parecia taõ boa, ainda que os do ultimo naõ tenhaõ respeito algum com a pedra, pelas razões, que acima dei. Algumas pessoas imaginaõ, que, se estas figuras tivessem tres, ou quatro pés de altura, pareceriaõ outras, mui differentes; pois que, neste caso, as partes estariaõ mais descobertas; no emtanto que as de Perrier parecem muito esgalgadas, e muito brutas, o que eu naõ nego. Todavia he necessario convir que esta observaçaõ he muito boa, para se conhecer a differença, que se dá, quando se corta o marmore, e se acairela o ouro, ou prata. Mas tambem he verdade que, se Perrier tivesse acabado melhor os seus desenhos que Santo Bartholi, teriaõ sido infinitamente melhores, e mais uteis; porque he mais facil ommittir cousas gratuitas, que accrescentar-lhe cousas necessarias. Parece provavel que a intençaõ de Santo Bartholi, trabalhando desta maneira, fosse fazer-se mais util aos pintores, aos escultores, e ciseladores, a qual naõ teria Perrier.

Acima disse, que Santo Bartholi arrisca muitas cousas pela sua cabeça. Agora accrescento, que he verosimil que Perrier desenhasse os seus objectos d'huma maior distancia que Santo Bartholi; e que por isso naõ poderia ver todas as menores miudezas. Além do que, penso que Santo Bartholi copiara a maior parte dos seus baixos relevos de obras mui bem conservadas no interior das fabricas, no comenos, que Perrier copiava as suas pelas partes exteriores, como, frontaes, frisos, etc., ametade destruidos pelas maos do tempo.

po. Ainda se póde dizer mais que Perrier unicamente trabalhava para fazer conhecer as bellas cousas, que haviaõ em Roma, e, ao mesmo tempo, para mostrar a sua maneira ligeira, e firme de desenhar, em tanto que Santo Bartholi naõ sómente procurava tirar proveito do seu trabalho, mas tambem queria ser util aos artistas curiosos, e aos amadores. Deixo ao leitor o julgar até que ponto preencheo qualquer delles as suas vistas.

Quanto a verdadeira maneira de traçar o baixo relevo julgo ser absolutamente necessario que tudo se execute igualmente, sem a ultima demão, ou acabado com a mesma ponta, ou choupa, sem differença alguma peloque diz respeito a roupagem, por ser este o methodo mais conveniente, para se poder fazer huma boa obra em marmore, ou em pedra, com tanto porém que esta naõ se faça com huma tinta cinzenta com hum primeiro plano, e hum longe; porque entaõ os talhos devem ser mais finos, e se devem perder gradualmente, segundo as regras da Perspectiva.

Geralmente se dá muito pouca attençaõ á luz dos baixos relevos; porque, pela mor parte, as cousas pintadas d'huma maneira viva, e como muito expostas á luz do Sol, se passaõ para a gravura com huma luz ordinaria por causa da redondeza das sombras, e algumas vezes se faz o contrario. Todavia, nem o gravador de agua forte, nem o do buril deveriaõ já mais tomar estas liberdades. Quem copia, deve seguir escrupulosamente as idéas do inventor. Naõ precisa, peloque pertence ao baixos relevos, gravando-se com agua forte, servir-se de sombras vivas, ou a cor-

corte, nem da luz do Sol, porquantò estas destruiraõ o ajuntamento, e harmonia; e pelo que pertence aos ornatos a luz do Sol, lhes he indifferente, e naõ requerem tanta exactidaõ.

CAPITULO VIII.

Da maneira de gravar com o buril, e de dispor os traços.

NA verdade he cousa admiravel, que, tendo-se dado a descripçaõ de tantas artes, muito pouco se tenha escripto da gravura com o buril, ao mesmo tempo que se tem fallado com bastante miudeza da gravura com a agua forte. He difficil comprehender-se a causa deste silencio. Muitos pintores e amadores da Pintura mostraõ hum ardor particular em dar algumas idéas geraes, pelo menos, o que delles depende, mas nenhum gravador, que eu saiba, se tem occupado em as dar da sua arte; sem duvida isto nasce do medo, que elles tem, de naõ poderem fallar a este respeito de huma maneira conveniente, e tambem porque naõ quiseraõ communicar aos outros os seus conhecimentos, que olhaõ, como hum segredo que elles possuem. Mas a verdadeira causa parece ser, ao que me parece, o progresso lento, e moroso desta arte, que appareceu tarde.

He constante, que a gravura he, do mesmo modo que a pintura, fundada assim sobre

bre a theoria, como sobre a practica, e que ambas se conduzem sobre principios certos, e seguros, por cujo meio se póde chegar a perfeiçaõ. Qual he pois a razaõ, porque senaõ tem exposto estes principios ao conhecimento de todos?

Naõ he admiravel ter havido hum grande numero de gravadores, que se fizeraõ pintores, no em tanto que tem havido mui poucos pintores, que se fizessem gravadores; porque sobre a pintura se tem publicado excellentes obras pelos grandes mestres, as quaes saõ proprias para os animar a practica da sua arte, ao passo que nada se tem impresso sobre a gravura.

Quero explicar livremente o pouco, que sei, sobre este objecto, e explicallo o melhor que poder, pelo respeito que a gravura tem com a pintura, mas todavia sem entrar nas muitas miudezas da practica desta arte; porque della naõ tenho o menor conhecimento; e d'ante maõ submetto á censura, dos que forem mais bem instruidos, o pouco que poderei dizer como inseparavel da materia, que traço, lisongeando-me de naõ poder ser accusado de presumpçaõ, pois que sómente procuro estimular os espiritos no estado de desenvolver mais as minhas idéas, e de accender por huma faisca hum maior fogo, conforme o proverbio Latino = *Parva sæpe scintilla magnum excitavit incendium* =.

Disse acima (1. °) a cerca dos principios, em que se funda a arte da gravura (2. °) das qualidades, que deve ter hum bom gravador (3. °) do que he essencial, para que huma gravura seja perfeita. Por este motivo quero fallar dos talhos, ou traços conforme a natureza, e a forma

dos objectos, pelas leis da perspectiva, em quanto esta concerne á gravura d'agua forte, e do buril, o que procurarei aclarear com exemplos, indicando ao novo artista os meios de acautellarem as faltas, e os de as corregirem.

Primeiramente imaginemos ver huma roda com oito raios, posta horizontalmente sobre hum plano direito em a terra com hum horizonte, que o corte transversalmente: esta roda nos provará que cada raio deve ter huma forma differente, segundo a direcçaõ, que tiver, e que precisa que os talhos sejaõ traçados pela extremidade de cada raio. Os raios, que se apresentaõ a face do espectador, seraõ obsolutamente circulares, os do segundo raio hiraõ em todos os sentidos, os do terceiro, parece naõ, por assim dizer, rectos. Tambem se póde advertir a differença da força, que ha entre o primeiro raio de diante, e o que faz a prolongaçaõ do outro lado do meio; porque o primeiro salta a diante, o outro foge, o que naõ póde ser de outra sorte, segundo as regras da perspectiva. De mais as linhas tiradas com huma regra, e fugindo para o ponto de vista ficaõ gradualmente mais delgadas, e mais indecisas. Falta-nos advertir, que ainda que seja por regras fixas, que os traços curtos, que passaõ sobre os primeiros, devem ser mais distinctos, e mais marcados que os longos, comtudo a maior parte das pessoas naõ os podem distinguir.

Disse mais acima que cada objecto pede seus differentes traços, segundo a sua natureza, a sua qualidade, e que, entre outros, os primeiros talhos da madeira deviaõ ser traçados de hum modo sabio, imitando as suas veias,

e

e que he preciso, que os segundos talhos, que crusaõ os primeiros, sejaõ mais delicados; mas aqui faço ver o contrario, pois que os segundos talhos crusados saõ mais fortes, que os que seguem as veias da madeira, o que assim deve ser. Talvez inferiraõ, que eu destruo o meu proprio systema; porque os talhos crusados se arranjaõ aqui contra as veias da madeira; mas eu responderei á esta objecçaõ, deduzindo a razaõ, que me obriga a obrar, desta sorte.

Adverti que a madeira, tendo sido trabalhada em torno, naõ tem mais veias, que as que formou o cinzel, e que como o torneiro faz sempre trabalhar o seu cinzel, em contrasenso das veias, e qne a madeira mais, ou menos recebe riscos do instrumento, tambem he preciso mostrar estes riscos na gravura. Mas podem-me perguntar, se a cousa naõ seria igualmente boa, no caso, que os d ous talhos tivessem a mesma grossura, ou delicadeza? Sim, pelo que pertence a natureza da materia. Comtudo commumente, se respeita muito pouco estas observações, ainda que sejaõ fundadas em regras certas, e invariaveis da arte.

Em quanto ao páo, fincado horizontalmente em terra, serve para mostrar que os talhos debaixo saõ redondos, e que estes talhos ficaõ tanto mais rectos, quanto mais se avizinhaõ ao horizonte. O mesmo acontece aos que estaõ por cima do horizonte mas em senso contrario.

Eu quero comtudo dar outro exemplo, para o qual me servirei d'huma gravura, para fazer mais claras as minhas idéas. Vejaõ-se as figuras da Estampa que está no fim do volume on-

onde se vê hum parapeito, que foge para o horizonte, e nos mostra a diminuiçaõ, ou esbatimento dos talhos, naõ sómente em taes objectos, mas tambem em todos os outros de qualquer especie que possaõ ser, conforme o seu gráo de distancia, e de fugida, huns menos, outros mais, em razaõ do seu apartamento, ou da sua aproximaçaõ, o que hade servir, para nos mostrar a idéa de algumas pessoas, que pensaõ que a diminuiçaõ da fugida, se consegue, fazendo os talhos mais finos, e mais espacejados. Vede o parapeito A com hum só talho de huma até outra extremidade. Ainda que os talhos da extremidade do fundo pareçaõ ser feitas mais limpamente que os de diante, comtudo naõ he assim, porque estes talhos unicamente saõ mais estreitos, ou fechados, e mais finos em razaõ de que este parapeito se diminue pela fuga. A diminuiçaõ das tres figuras, e tres vasos deste exemplo nos mostra a mesma cousa. Toda via sei que muitos gravadores sabios, e consummados na sua arte obraõ differentemente, traçando os objectos que fogem com mais, liberdade ao longe que os que estaõ ao perto. Tambem conheço outros que formaõ ao alto dos seus ceos, onde se dao mais sombras, com talhos mui unidos, e que fazem mais claros, e mais raros, a proporçaõ, para o horizonte, comtudo fazem isto quando trabalhaõ com agua forte, e naõ com o buril. Talvez que a causa disto seja por pouparem o trabalhar com as duas pontas, ou com mais; e por se naõ verem obrigados a cobrir: o que he o objecto do exemplo que aqui dou. Porquanto se naõ procura saber, se isto pede maior, ou menor trabalho, mas eu me satisfaço de indicar huma cousa, da qual talvez ain-

da

da se naõ conheça toda a importancia. Por exemplo, ponho as tres figuras 1, 2, 3, a quasi dez ou doze passos huma da outra, e, nesta mesma distancia, ponho sobre o parapeito os tres vasos 1, 2, 3, pelos quaes se percebe claramente a differença que se dá entre elles. Mas ainda que seja facil comprehender, o que quero indicar por estas figuras, a saber, que quanto mais forem apartadas, tanto mais os talhos, devem ser finos, e fechados: todavia julgo que devia acrescentar os vasos, para satisfazer, aos que quizerem ter a curiosidade de contar o numero dos talhos, ó que os ha de convencer que qualquer dos vasos naõ tem mais talhos que o outro: exame que gastara muito tempo nas tres figuras, e reflecti tambem na sombra levada de cada figura ao parapeito, que enfraquece em razaõ da sua distancia, e com que exactidaõ se reconhecem nellas as verdadeiras tintas das figuras: tambem disto se pode perceber, quanto ellas diminuem, e perdem de sua força, e, ao mesmo tempo, a differença que se dá na luz. Mas precisa naõ cuidar, que he bastante o diminuirem-se as sombras, ou ficarem mais fracas, supprindo o branco a toda a luz; pois se sabe que o plano, ou terreno naõ pode parecer igual, senaõ pondo-lhe a luz por diante, e fazendo de cada vez mais, e mais sombrio para o fundo. Por exemplo: se huma estatua ou huma pedra branca se achar diante, e que se queira por outra semelhante mais longe, onde o terreno he mais sombrio, se deve regular pelo plano, em que está a primeira estatua, por se achar tudo submettido á mesma regra, com tanto porém que a obra seja bem acabada. Se este plano, ou terreno for de huma

exe-

execuçaõ completa, precisa consequentemente que as figuras sejaõ tambem completas. Se as figuras forem feitas d'hum modo ligeiro, e com huma luz grande ou larga, se deve fazer do mesmo modo o seu sitio. E ainda que o terreno seja, por sua cor, mais ou menos escuro, isto naõ se conta aqui por cousa alguma, porque se tracta da diminuiçaõ das tintas, que consistem em negro, e branco. Supponhamos que o pavimento seja de marmore branco, e que as estatuas o sejaõ do mesmo modo, ou que tenhaõ roupagem branca, a primeira destas estatuas terá huma luz larga; no emtanto que as outras seraõ menos brancas, e que se acharaõ em maior distancia, e ainda quando estivessem expostas a luz do Sol, e que a luz as viesse ferir por detraz, ou pelo lado, a estatua mais distante naõ conservara sempre mais que os grandes claros, effeito que será ainda menos consideravel, dando-se as cores locaes destas roupagens, assim como sabem, os que conhecem a perspectiva.

Quanto as roupagens, cuidaraõ talvez que saõ d'huma mais facil execuçaõ que o nú; porque, tendo começado a gravura de huma maneira taõ limpa e taõ completa, ou perfeita, quanto he possivel, as cousas do fundo naõ se podem fazer com maior asseio, e delicadeza, mas precisa lembrar-se que huma cousa lisa, e limpa naõ parece mais ao olho pela distancia, em que se póde achar, mas que unicamente fica mais indecisa, e finalmente desapparece; que, por consequencia todos os objectos, de qualquer natureza que possaõ ser, se naõ distinguem relativamente aos talhos, no emtanto que as grandes partes conservaõ a sua forma. Talvez me perguntaraõ

ago-

agora, como seja possivel unir os talhos com a luz, e particularmente com o ceo (que tem o horizonte claro, e sem nuvens) se, a medida que os objectos fogem, estes talhos devem ser mais serrados, ou, pelo menos, que se naõ alarguem mais a mais para o horizonte, e ainda que em outras partes sejaõ fracos? Ao que respondo: que a experiencia confirmara sufficientemente, que, quando os traços se diminuem e adoçaõ, ou se esbatem na sua fuga, necessariamente ficaõ mais vagos, e mais indecisos, e que finalmente desapparecem, unindo-se, pelo dizer assim, com a luz, quando mesmo esta fosse a do Sol, por mais serrados ou fechados, que elles fossem. Até este, ponto he que pode hir, segundo o que me parece, a perfeiçaõ do buril em huma maõ firme, e habil. Quanto a gravura com agua forte naõ deixa de ser possivel, que haja de fazer a mesma cousa com a ponta, cobrindo-a.

Todavia naõ duvido que a minha proposiçaõ seja julgada como impossivel de se executar, e como huma novidade lançada ao acaso, principalmente, pelos que naõ tem tido o cuidado de se instruirem de todos os recursos da gravura; mas a sua accusaçaõ me consola pela esperança, que me fica, de que mais ou menos concorrerei pelas minhas reflexões para a belleza, e perfeiçaõ da arte; e que, além disso, o que acabo de dizer, se funda em principios exactos, e mathematicamente demonstrados, ainda que geralmente se cuide que isto he falso, e que cada objecto requer huma execuçaõ differente, mas que basta huma maneira de desenhar para se ser hum bom gravador. Esta ultima asserçaõ he de alguma sorte verdadeira, pelo que respeita á gravura

com

com agua forte; mas comtudo naõ basta, pois que he preciso saber deitala, e fazer comer o cobre convenientemente, e da mesma sorte cobrillo. Quanto a gravura com o buril, he necessario, conhecer a sua força, e saber bem manejallo, o que se naõ póde aprender senaõ por huma longa practica arrasoada. Em fim, he mais vantajoso para hum gravador de agua forte naõ ter maneira alguma totalmente; porque lhe fica sendo mui facil mudar pouco a pouco da ponta para o buril, e de se acostumar por huma uniformidade de talhos ou traços a ajuntar hum ao outro, para lhe dar mais graça e harmonia. Entretanto naõ falta quem, descansando muito sobre o buril, o emprega por toda a parte nas suas obras mediocres, sem alguma differença, e esta com huma negligencia inacreditavel, já acabando com cuidado e amor hum primeiro plano; huma pedra, ou o tronco de huma arvore, que deveria ser executado d'huma maneira encontrada; e ao mesmo tempo se serviraõ de huma choupa para huma cabeça de estatua de marmore.

Daõ-se muitas gravuras feitas desta forma. Entre outras conheço huma, que he de Lazaro, gravada por Berry, na qual este artista executou com agua forte a figura de Lazaro com a parte do panno que rodea o seu corpo, e ao mesmo tempo acabou com o buril a outra parte deste panno, que se acha por terra, de modo que huma parte parece hnm panno grosso, e a outra huma seda: nesta empregou os pontos, e na outra naõ se vê algum, mas elle o podia, pois que a agua forte naõ comeo o cobre bem igualmente por toda a parte. Tambem succede algumas vezes verem-se obriga-

dos

dos a apagar esta sorte de cousas, o que serve de provar a minha proposiçaõ ; porque se a falta for causada pelo cobre, seria preciso que o artista o providenciasse, quanto podesse, assim pelo seu talento , como pelos seus conhecimentos. Se elle he senhor do seu buril , deve-o provar , fazendo hum bom ajuntamento na sua obra , e no caso de lhes naõ ser preciso entaõ siga absolutamente o risco dos traços calcados. Em lugar de naõ fazer mais que dous talhos crusados, pode-os fazer mais delgados, pondo tres huns sobre os outros, e ajuntar ainda alguns pontos, sendo necessario ; e, por este meio, o seu trabalho ficara soffrivel.

Ha outra gravura , rodeada d'hum ornato, representando huma offerenda á Flora, ou á Primavera , que he executada d'huma maneira muito indigna com o buril , e com agua forte. As figuras da caridade , da piedade, do tempo, e, em huma palavra, todos os outros objectos sobre o primeiro plano saõ gravadas ao buril, no emtanto que as figuras sobre o segundo plano saõ feitas com muita negligencia e desagradavelmente abertas com agua forte, que em nada se assemelhaõ ás outras. Os mesmos traços parecem somente ter sido debuxados, e parecem traçados com huma maõ tremula, em lugar de serem esbatidos, ou adoçados em toda a parte , o que teria feito ser a obra pura , e boa. Deveria o artista, que fez esta gravura, lembrar-se que naõ podia unir o buril com a choupa.

Sei muito bem, que muitas pessoas pretendem que algumas cousas, como agua, prata, ouro, e outras iguaes substancias luzentes, e lisas saõ mais faceis de se fazerem com o buril que com a ponta, mas, ao meu parecer,

huma maõ habil pode dar á cada objecto a verdade que lhe convém.

Parece-me muito extraordinario, que os antigos gravadores naõ tenhaõ distinguido nas suas obras as differentes qualidades das cousas, e que tenhaõ executado tudo do mesmo modo com a agua forte, menos a agua, e esta ainda sem talhos mais fracos, e mais fortes, mas com linhas crusadas parallelamente de huma maneira desigual, algumas vezes serradas, e outras mui espacejadas. Fora disto nunca indicaraõ as cores locaes, e tem sempre feito a agua escura, e parda. Julgo que, para se por huma distincçaõ entre os corpos luzentes, e os outros, se deve principiar tirando linhas fortes e parallelas, assas apartadas humas de outras, e traçando ao depois, entre estas primeiras, outras mais finas, e mais delgadas, que sirvaõ para as encher. Fallo a respeito da agua, do marmore negro, e do aço polido, e de outras semelhantes substancias; porque por este methodo se consegue hum tal effeito, que dá huma idéa dos corpos polidos e luzentes.

Perguntando-se-me, porque na gravura com agua forte os fracos, que saõ grossos, e fechados, ou serrados escamaõ, aindaque o cobre naõ seja escamoso, nem agro, e que o verniz naõ seja nem queimado, nem muito duro? Responderei, o que a experiencia me tem ensinado, que, quando a agua forte naõ he bem temperada, e que ella come muito no principio, que entaõ se corre o risco de experimentar o inconveniente, de que se trata; porque, estando a chapa fria, ella naõ se pode aquecer com prompidaõ como o verniz, que por isto se acha arrancado com for-

ça

ça da chapa e se lhe despega, e isto com tanta maior facilidade, com quanta os talhos saõ mais sentidos ou fortes, e mais apertados, o que muitas vezes acontece sobre as partes delicadas, onde a fineza, e a distancia dos traços naõ consentem que a agua forte lhe chegue ou penetre tanto. Para desviar, ou a cautellar semelhantes, accidentes, precisa-se temperar hum pouco mais a agua forte, e aquentar pouco a pouco o cobre, a fim de os unir a ambos juntamente, e com particularidade; fazendo frio; porque nos tres mezes de Junho Julho e Agosto isto he inutil, pois entaõ se usa de hum verniz mais duro.

Para conhecer, se o veniz está em bom estado, se fará hum ou dous traços ou talhos em hum canto da chapa, onde nada ha que arruinar, e se o veruiz sahir em pó destes talhos, he signal de estar muito duro, ou muito agro, mas, se, o que se tira, formar huma espiral, se pode acreditar que o verniz está bom, sobre tudo, se estas barbas se despegaõ, assoprando-se; mas, naõ se podendo tirar, quando se lhe pas a por cima levemente huma penna, se deve temer que o verniz esteja molle. He muito importante que se observem estas circumstancias. Muitas vezes me aconteceo ficarem estas barbas em os talhos.

Os gravadores de agua forte algumas vezes trabalhaõ inutilmente, querendo cobrir os contornos muito fortes do lado da luz com verniz, que, como se sabe, transborda sempre mais ou menos, assim do lado interior, como do exterior, sobre tudo, estando a chapa quente. Queiraõ considerar o trabalho, que devem ter, quando o contorno desaparece, pois precisa que o tornem a aviventar com o buril to-

das as extremidades dos traços que acabaõ nelle. O melhor methodo por isso he traçar o desenho propriamente sobre a chapa, e indicar antes fracamente com huma ponta fina os toques profundos, como o dos olhos, nariz, e bocca do lado, da sombra, mas naõ do lado da luz. Todavia, para os ajudar a cobrir os traços pronunciados com muita fortaleza, vou dar hum melhor meio, que o de que aqui se trata.

Tomai branco de Hespanha espesso, que desfareis em oleo de terebentina, e ao depois passaio por cima da linha exterior, de modo que a possa cobrir exactamente sem a estender mais adiante. Porém deveis ter o cuidado de o passar sómente huma vez, pelo medo de lhe tirar o verniz, e que o oleo se lhe evapore ao depois. Este methodo foi descuberto por hum meu amigo, e ainda que eu o naõ tenha practicado, comtudo estou certo e seguro do bom effeito, que deve fazer. Para isto receitei o branco de Hespanha, ou alvaiade, mas differentemente se podem servir da côr, que quizerem, comtanto que esta seja clara e visivel.

CAPITULO IX.

Da gravura em maneira negra.

COmo Cesar Ripa naõ deu na sua Jconologia a figura da gravura em maneira negra, que naõ á havia no seu tempo; mas que, em o nosso, tem chegado a hum grande ponto de perfeiçaõ, espero que o esboço, que quero traçar, naõ será desagradavel aos professores, e aos amadores desta bella arte.

Figura allegorica da gravura em maneira negra.

Ve-se huma donzella gorda, d'huma tinta fresca, e d'huma presença agradavel, vestida de veludo negro com o forro, e reversos d'azul celeste, salpicado de estrellas de ouro. O seu corpo he cingido d'huma larga banda de ouro, sobre que estaõ bordados morcegos negros, que diminuem de grandeza para a parte dos braços da figura: o seu toucado he elegante e moderno, adornado d'hum e outro lado de pequenas flores cheirosas. Ella tem em torno do pescoço hum affogador de ouro, da qual pende huma medalha, cujo typo he hum altar aceso com estas palavras por legenda = *Magnæ Britaniæ* = Tem na maõ direita hum pequeno instrumento de ferro, que se assemelha á huma lanceta, e huma penna, e na esquerda huma tabella, sobre a qual se vé pintado o busto da natureza sobre hum fun-

fundo negro. Seu corpo, que está ligeiramente sobre huma perna, tem o ar ou posiçaõ de quem dança.

Explicaçaõ.

Representa-se esta arte na figura d'huma donzella; porque ella ainda se acha na sua infancia. Pelas estrellas de ouro sobre hum fundo azul faço conhecer que, semelhante aos astros da noute, novamente sahira da escuridaõ. O cinto de ouro com morcegos significa que, a pesar deque as suas producções naõ duraõ muito tempo, e se degradaõ logo, procura comtudo grandes vantagens. A cadea de ouro, e do mesmo modo a medalha, e o altar com a letra, que a rodeia, nos fazem comprehender toda a gloria, que gosa esta arte, que deve a sua origem a Inglaterra. A tabuleta, que a figura tem na maõ esquerda com o busto da natureza pintado nella, indicaõ a sua excellencia em imitar estes objectos. O resto naõ precisa de explicaçaõ.

Da-se a este methodo de gravar o nome de maneira negra, porque, em lugar de preparar a estampa, polindo-a, se prepara granisando-a finamente, crusada em todo o sentido e uniforme, que a occupa toda, a qual, assim preparada, faz huma impressaõ fortissima igualmente negra, e avelludada por toda a parte. E ainda que a gravura em talho doce parece que deve a sua origem ao negro, comtudo se executa de outra maneira; porque esta emprega o buril, para formar os traços e as sombras, poupando os claros; e a maneira negra se serve do raspador, para tirar os objectos da escuri-

ridaõ, distribuindo-lhe pouco a pouco as luzes, que lhe convém.

Disse acima que a gravura d'agua forte he muito mais expedita que a do buril, mas a da maneira negra he muito mais facil, e ainda muito mais prompta. Quanto a sua limpeza, ella naõ admitte igual, que a pintura á mais bella, e a mais macia naõ póde competir com ella no preço, a naõ ser pelo colorido. He verdade que a gravura, em maneira negra, naõ tira hum taõ grande número de bons exemplares, como em talho doce; mas a presteza, com que se executa, repara d'alguma sorte este inconveniente.

A gravura em maneira negra he preferivel á todas as demais, para representar as luzes artificiaes, como as de huma candea, vella, ou hum farol, fogo etc, o que, ao meu parecer, lhe deu o nome, que ella tem. He cousa maravilhosa que, sendo esta arte conhecida a taõ pouco tempo, tenha já chegado ao ponto de perfeiçaõ, em que hoje se vê. Sabe-se que o Principe Rupert d'Inglaterra fora o seu inventor. A primeira gravura, que vi, deste illustre artista era a cabeça d'hum velho cingida d'hum lenço branco, copiada, se bem me lembro, do quadro d'hum Mestre Italiano. Esta cabeça estava desenhada com tanta destreza e de huma maneira taõ grande com tintas taõ macias, e taõ bem fundidas, que era impossivel que qualquer bom pintor a houvesse de fazer melhor. Este mesmo Principe inventou tambem hum certo metal, que he conhecido pelo seu nome.

Persuado me, certamente, que esta arte virá a ser pelo tempo adiante hum divertimento para os pintores por tres razões 1.° pela

gran-

grande facilidade, que tem, para se aprender 2.° pela sua limpeza 3.° pela sua commodidade.

1.° He facil de se aprender pelos que estaõ acostumados a desenhar por papel azul, porque naõ se dá a menor differença entre o raspamento da chapa, e os realces, que se fazem neste papel, começando pelas luzes mais fortes, e poupando as sombras, assim como ensinei nos meus *Principios de Desenho*, tocante a maneira do lapis, e do lapis vermelho, e da pedra negra. Por este motivo pretendo que a maneira negra tenha maior semelhança com hum painel que a gravura de talho doce. Fora disto, he facil aprender-se a sua theoria em menos de tres dias.

2.° A gravura em maneira negra he limpa, ou asseiada, digo, he isenta de toda a impureza, e máo cheiro; porque a seu respeito naõ se servem de verniz, nem de materias gordas, nem d'agua forte.

3.° He facil comprehender-se a commodidade desta especie de gravura, pois que ella he muito mais expeditiva que a gravura com agua forte, e com o buril.

Mas a maior parte se exercita com tanto zelo a manobrar, ou mover bem o *berçó* sobre a chapa, e a servir-se do raspador com presteza, que elles naõ cuidaõ na correcçaõ do contorno, que muitas vezes excedem, defeito que certamente senaõ emenda com facilidade. He verdade que a gravura com agua forte tem a vantagem de se calcar o desenho sobre o cobre, o que esta naõ admitte. O branco se apaga algumas vezes, ou he taõ fraco que senaõ percebe sem muito trabalho, e além disto, he difficultoso raspar as figuras contra hum fundo claro. Mas penso ser máo

este

este methodo, ainda que a maior parte dos gravadores em maneira negra principiaõ, fazendo as figuras, ao depois passaõ a fazer os fundos. Precisa-se pois, para se evitar este inconveniente, fazer antes o fundo, e poupar cuidadosamente os contornos das figuras, conservando os ainda alguma cousa distantes, até que a figura haja de ser acabada; porque, ao depois, se pode raspar com paciencia, e attençaõ, o que se tiver deixado imperfeito. Desta maneira senaõ corre o risco de exceder, ou passar adiante dos contornos, quando se começa por figuras.

Ha huma grande differença entre o modo de gravar com a agua forte, com o buril, e em huma maneira negra entre os pintores, e os gravadores de profissaõ; porque os primeiros só se occupaõ por divertimento, e naõ daõ as suas obras o graõ de perfeiçaõ, que os segundos se esforçaõ em dar. Precisa-se que o pintor se contente da correcçaõ do desenho, e do bom ajuntamento, para naõ vir a perder hum tempo taõ precioso, que póde muito bem ser empregado em trabalhos mais uteis.

Esta arte he facil para os que saõ dotados d'hum bom juiso. Mas, se acontecer que a obra no primeiro golpe ou traço naõ fique assas clara, deve repetillos segunda vez. He mister para a gravura em maneira negra imitar os pintores, quero dizer, que se deve começar, fazendo correr ou a primeira camada com partes largas, para acabar ao depois a obra, ou, tendo-se-lhe tirado huma prova, se lhe poderá dar os realces, e se acabará deste modo com paciencia cada huma das suas partes: o que naõ requer, nem muito tempo, nem muito estudo; mas taõ sómente alguma

 atten-

attençaõ. Apparelhei eu huma pequena gravura d'hum satyro em maneira negra, que raspei em huma hora, passeando por huma quinta, e acabei dentro d'outra, tendo-lhe antes tirado huma prova. Mui poucas pessoas se occupaõ da gravura em maneira negra, pela ignorancia, que ha da sua facilidade. Esta arte he muito propria para representar hum retrato, os effeitos da noite, d'huma luz artificial, os phantasmas, ou encantamentos, as plantas, as flores, os fructos, os vasos d'ouro, de prata, de crystal, as armas etc, que he impossivel fazellos taõ perfeitamente com o buril, ou com a ponta, e só sim com o raspador. Ella de todas as gravuras he, a que dá melhor a cor, e que he capaz de maior effeito pela uniaõ, e escuridade, que deixa nas massas; mas falta-lhe huma certa firmeza, o que a priva de bondade para servir á historia, á architectura, ao baixo relevo, e á paisagem, que muito melhor se executaõ com o buril.

F I M.

In-

INDICE

DO QUE SE CONTE'M NESTE LIVRO.

ERRATAS

Pag.	*lin.*	*Erros*	*Emmendas.*
14	2	acoroçoariaõ	acoraçoariaõ
15	25	mesmos	mesmo
23	36	ao baixos	aos baixos
28	15	feitas	feitos
37	21	da qual	do qual

CA

CATALOGO

DAS OBRAS DE DESENHO

IMPRESSAS NA OFFICINA CHALCOGRAPHICA DO ARCÔ DO CEGO.

Tractado das sombras relativamente ao Desenho (*Dupain*) com 14 Estampas.
Os principios do Desenho (*Lairesse*) traduç. com 4 Estamp.
O Pintor em tres horas.

Debaixo do Prelo.

Geometria dos Pintores (*Dupain*) trad.
Arte da Pintura (*Du Fresnoy*) trad. Franc. sem Est.
Arte da Pintura (*Du Fresnoy*) com 7. Estamp. trad. Ital.
Maneira de Gravar a agua forte, a buril, e em maneira negra (*Bosse*) com 22 Estamp. trad. Franc.
A Escultura, ou a Historia, e Arte da Calcographia, e Gravura em cobre (*Evelyn*) trad. Ingl.

Estas obras se vendem na loge da Officina Chalcografica ao Rocio. *Na da Viuva Bertrand e Filho, na de Borel ao* Chiado. *Na de Estevão Semiond em* Coimbra. *Na de Antonio Alvares Ribeiro no* Porto.

Na mesma loge ao Rocio *se vendem tambem Retratos em preto, e illuminados, gravados por artistas Portuguezes; e caracteres typographicos de toda a qualidade elegantemente abertos por Artistas Nacionaes.*